

osana Rios

HQs

Quando a
ficção invade
a realidade

Ilustrações de
Amilcar Pinna



editora scipione

GERENTE EDITORIAL

Sâmia Rios

EDITORA

Maria Viana

EDITOR ASSISTENTE

Adílson Miguel

REVISORAS

Amanda Valentin, Michele Tessaroto e
Nair Hitomi Kayo

EDITORA DE ARTE

Marisa Iniesta Martin

ICONOGRAFIA

Fabiana Manna

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO

Negrilo Produção Editorial

AGRADECIMENTOS

Marcelo Naranjo, Castelo do Gibi,
Editora Devir e Editora Conrad

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal!

Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
6.º andar e andar intermediário Ala B
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

DIVULGAÇÃO

Tel.: 0800-161700

CAIXA POSTAL 007

VENIDAS

Tel.: (0XX11) 3990-1788

www.scipione.com.br

e-mail: scipione@scipione.com.br

2010

ISBN 978-85-262-6750-3 AL

ISBN 978-85-262-6751-0 PR

CÓD. DO LIVRO CL: 734235

1.ª edição

2.ª impressão

IMPRESSÃO E ACABAMENTO



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Rios, Rosana

HQs: quando a ficção invade a realidade / Rosana Rios;
ilustrações de Amílcar Pinna. – São Paulo: Scipione, 2007.
(Coleção Escrita contemporânea)

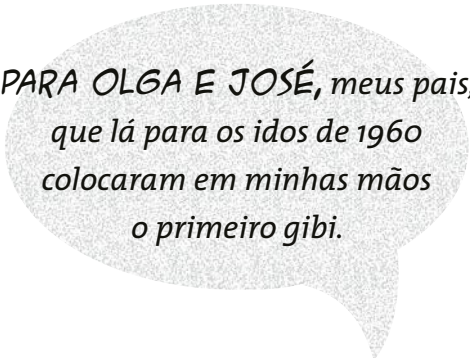
1. Ficção – Literatura infantojuvenil I. Pinna, Amílcar.
II. Título. III. Série.

07-4479

CDD-028.5

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção: Literatura juvenil 028.5



*PARA OLGA E JOSÉ, meus pais,
que lá para os idos de 1960
colocaram em minhas mãos
o primeiro gibi.*



SUMÁRIO

7

PARTE 1
DESCOBERTA

71

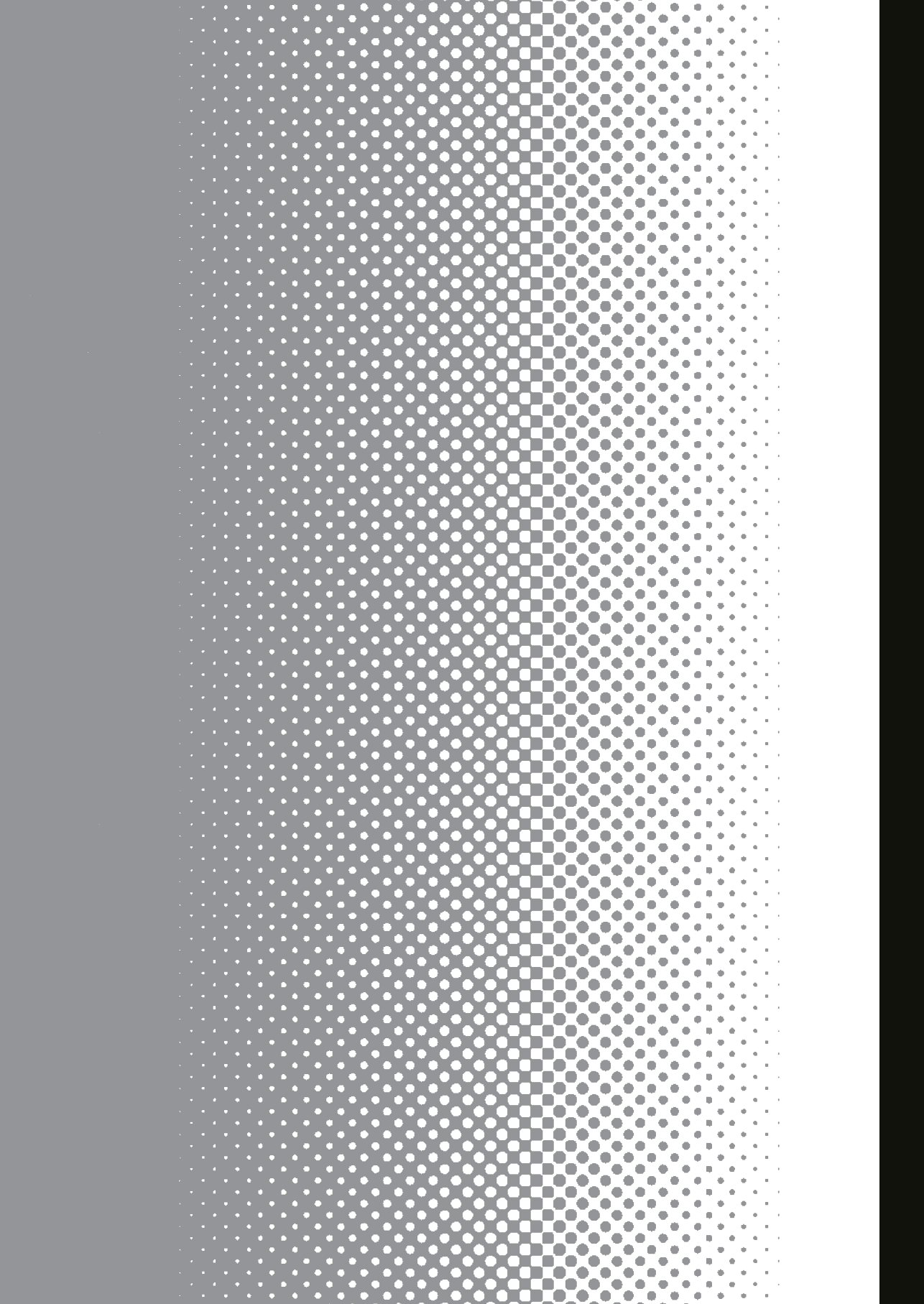
PARTE 2
CONFRONTO

128

Notas da autora

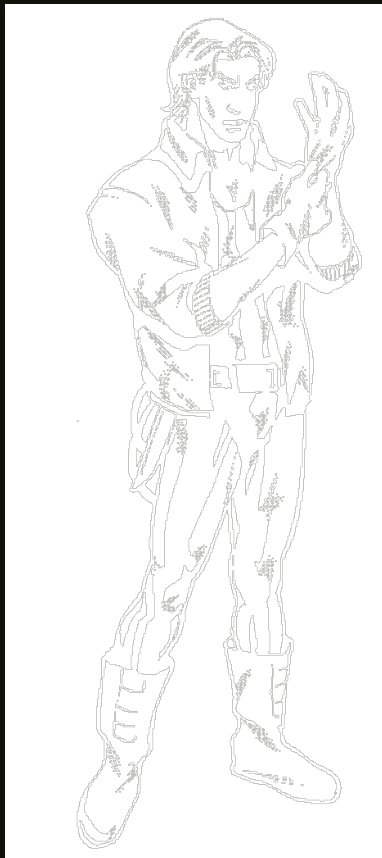
129

Artistas, histórias e
personagens citados
neste livro



PARTE 1

DESLOBERTA



Sábado, 10 de julho, uma e meia da tarde

Naí apareceu hoje de manhã com o *laptop* pendurado no ombro. Entrou no apartamento com aquele seu jeito alegre, como se não tivéssemos passado por tanta coisa estranha nos últimos meses. Cumprimentou minha mãe, sorriu para meu pai, invadiu o quarto e foi colocando o computador aberto bem no meio da prancheta de desenho.

— Pode ficar com ele o tempo que quiser — disse, abrindo sua enorme bolsa de lã peruana e tirando uma caixa de CDs regraváveis.

Eu sabia o que devia dizer naquela hora. Tinha preparado uma lista enorme de motivos para não fazer o que ela queria: escrever a história de tudo que tinha nos acontecido.

Primeiro, meu português é horrível. Quando escrevo nunca sei onde tem acento e onde não tem, nem concordar os verbos com os sujeitos; e sempre começo a escrever frases enormes que terminam completamente sem pé nem cabeça. Mas foi só abrir a boca pra tocar no assunto, e Janaína falou:

— Não esquite a cabeça com o português. Além de passar o corretor ortográfico do programa, eu faço uma boa revisão, arrumo o texto conforme você for escrevendo. O principal é pôr tudo logo para fora.

Esse era mais um motivo. Eu não tinha certeza de que queria contar ao mundo o que tínhamos descoberto sobre os HQs. Era uma história maluca demais! Se tornasse públicas nossas aventuras, o provável é que me mandassem para um psiquiatra. E se alguém por acaso acreditasse em tudo, poderia correr perigo. Eu sabia (e Naí também) do que certos HQs eram capazes.

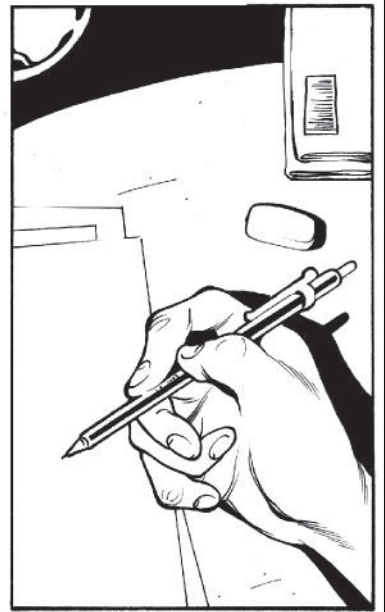
— Por isso mesmo — argumentou a cabeça-dura da minha garota. — Alguém tem de mostrar o que está acontecendo. Pode ser que ainda estejamos em perigo, e se terminarmos do mesmo jeito que os outros, pelo menos vai restar uma história escrita para explicar tudo.

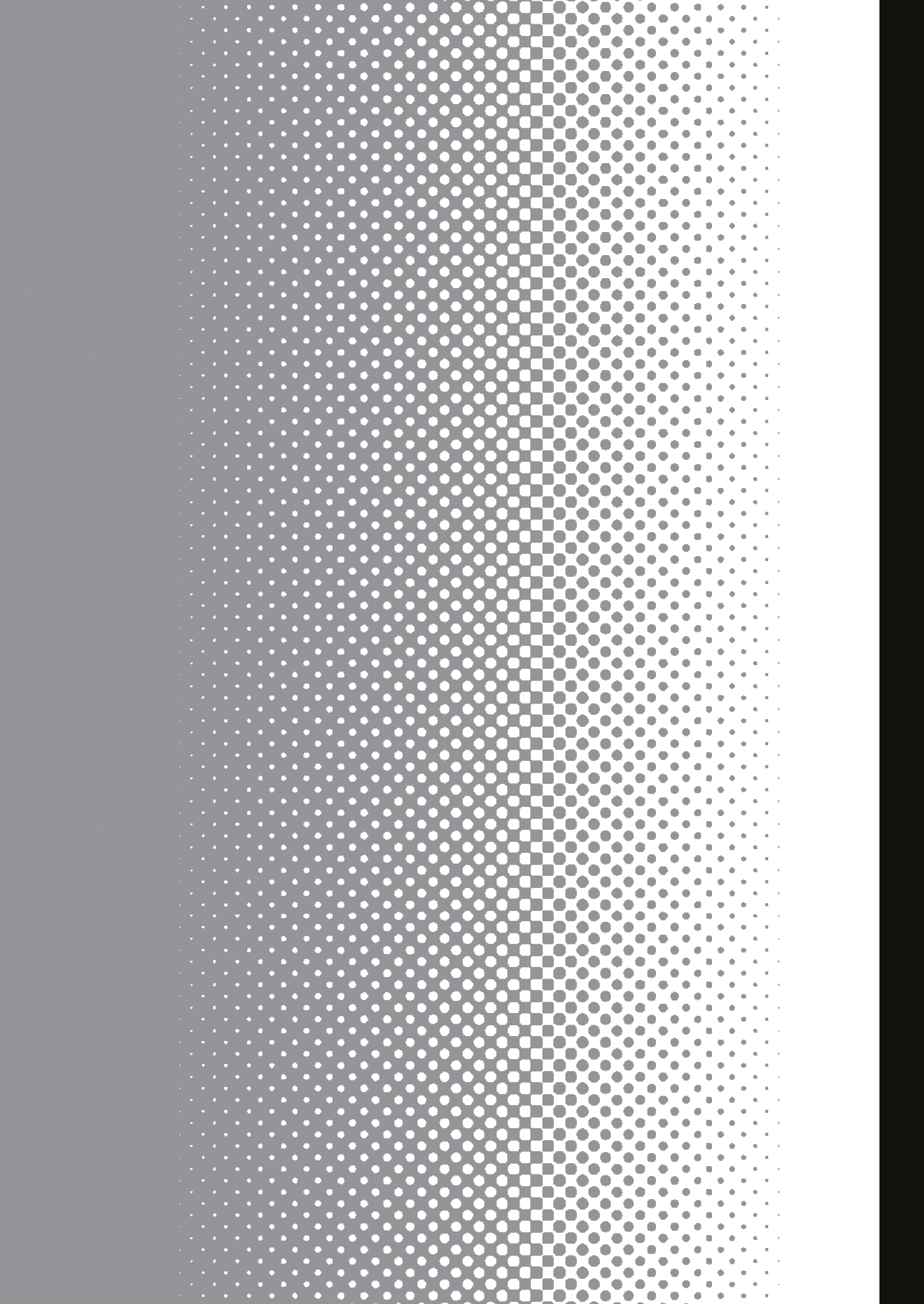
Ainda tentei convencer Janaína de que eu me explicaria melhor desenhando, não escrevendo. Faria uma história em quadrinhos — a única coisa que sei fazer bem. Ela fez que não com a cabeça.

— Não, vai demorar demais. E tenho medo de que eles interfiram. Está tudo calmo, agora que Loh desapareceu, mas não podemos arriscar. Você tem mesmo é que escrever tudo. Coragem, Déo! É importante fazer isso. Por nós dois. Por Jan.

Que seja, então. Por Jan eu seria capaz de qualquer coisa. Ele aprovaria a ideia, se ainda estivesse aqui. Por ele vou mergulhar nessa pilha de CDs, encarar o computadorzinho de Naí, rememorar os detalhes do que aconteceu. Prometi a mim mesmo dizer a verdade até sobre meus pensamentos mais íntimos — ainda que isso possa complicar nosso namoro. Só não vou evitar o risco de desenhar. Sei que haverá momentos da história em que não vou conseguir me expressar com palavras; aí o lápis e o nanquim vão funcionar. Quem sabe o verdadeiro lugar desta aventura não seja na vida real, e sim numa história em quadrinhos?

Tenho ainda vinte dias, até o início das aulas. Deixei o estágio na editora e prometi aos velhos que só vou voltar a procurar trabalho fixo no fim do ano que vem, se sair livre do Exército. Naí que cuide do português. Esta tarde vou sentar em frente ao *laptop* e tentar lembrar exatamente como foi que tudo começou...





1

MELI NOME É ÉDSON, MAS DESDE QUE ME CONHEÇO POR GENTE SÓ ME CHAMAM DE DÉO. NOSSOS APELIDOS, AQUI EM CASA, NÃO SÃO NADA ORIGINAIS. NÉLSON, MEU IRMÃO MAIS VELHO, É "NEL". NOSSO PAI É "VELHO" E MAMÃE É "RÔ". ÉRAMOS UMA FAMÍLIA DE CLASSE MÉDIA, POUQUÍSSIMO ORIGINAL E TOTALMENTE NORMAL, DESSAS BOAS PARA APARECER EM SERIADOS AMERICANOS. ISSO ATÉ QUE ME METI A DESENHAR QUADRINHOS E SAÍ COMPLETAMENTE FORA DO QUE ESPERAVAM DE MIM.

NÃO SEI DIZER COM CERTEZA QUANDO OUVI, PELA PRIMEIRA VEZ, FALAR NO BIKER.

Não era um personagem de quadrinhos muito conhecido. Houve um tempo em que **TODO MUNDO NO COLÉGIO COLECIONAVA GIBIS**; os mais procurados eram os clássicos. Havia edições especiais de *Batman*, dezenas de mangás, *Sandman*, raridades como *Mortadelo e Salaminho*, *Príncipe valente*. Eu havia comprado a coleção de *Asterix*, e meu colega Zécarlos torrava toda a mesada em edições de *Tintin*. Um amigo de meu irmão tinha uma estante cheia de *Charlie Brown*, *Garfield* e *Mafalda*. Nel preferia os gibis de super-heróis. Embora *X-Men* e *Spawn* imperassem entre a garotada, ele era fanático pelas aventuras do Homem-Aranha e do Gavião Negro — estas bem difíceis de achar.

JÁ EU ERA MALUCO POR DESENHO. Passava todo o tempo copiando personagens, treinando perspectiva e anatomia com uns livrinhos do tipo “aprenda a desenhar sem mestre” que comprava nas bancas de jornal.

Aos doze anos já desenhava superbem para a idade, sem ter frequentado nenhum curso especializado. Mas depois de uma fase em que me incentivavam, e o Velho adorava mostrar meus desenhos pra toda a família, veio um período de baixo-astral. Todo orgulho familiar por meu talento sumiu quando comecei a ser suspenso por desenhar caricaturas dos professores e mulheres nuas nos cadernos escolares.

Foi nessa época que estive mais ou menos namorando uma garota chamada Bárbara. **O NAMORO DUROU POUCO, TERMINOU MAL**, e acabei repetindo o sétimo ano, principalmente por causa de uma hepatite que me fez perder um mês de aulas e toda a vontade de estudar.

Desenhei feito louco quando estive doente. Era capaz até de copiar as velhas tiras do Henfil, desenhadas com um traço difícilimo de imitar. Foi a noiva do meu irmão Nel, a Márcia, que me emprestou as revistas do Henfil. Escondida da minha mãe, que na época cismou com os gibis e sumiu com tudo que achou em casa, desde a pobre *Mônica* até *Wolverine*. **TEMI POR MEUS ASTERIX**, mas Nel conseguiu escamotear tudo na casa da Márcia, e assim os bravos gauleses e sua poção mágica foram salvos da fúria de dona Rô.

Nesses tempos, Zeca já era **MEU MELHOR AMIGO**. Ele recortava tiras do Angeli, do Glauco e do Laerte nos jornais (proibidíssimas pelo ataque de caça-às-bruxas de mamãe) e me levava à noite, escondidas entre a matéria que, em teoria, eu devia acompanhar para estar em dia quando o médico me deixasse voltar às aulas. Na prática foi inútil. Voltei para a escola superfraco, desanimado e desenhando mais mulheres nuas que nunca. Não foi novidade pra ninguém quando repeti o ano. E lá fui eu para um sétimo ano da manhã, com treze anos nas costas, quando todo mundo da classe tinha doze.